

Olhares sobre a favela: intervenção junto à Escola de Fotógrafos Populares da Maré

Andrea Rodriguez¹

Ana Carolina Dias Cruz

Cristal O. Moniz de Aragão

Thiago Melício

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Angela Arruda

Universidade de São Paulo – São Paulo – SP – Brasil

Resumo: Este relato descreve uma experiência de intervenção junto a jovens alunos do projeto “Imagens do Povo – Escola de Fotógrafos Populares da Maré”. A partir de oficinas psicossociais, promoveu-se a reflexão sobre a diversidade de formas de perceber a favela por meio da valorização do saber do senso comum associado à dimensão do vivido, com base na teoria das representações sociais. Buscou-se colocar em questão quais os contextos produtores das imagens comumente associadas a esses territórios e como a experiência dos participantes do curso de fotografia se traduziria numa prática dedicada à produção de novas imagens sobre as favelas. Os resultados sugerem que a fotografia pode e deve ser usada como um instrumento de transformação social, na medida em que ela põe em cena realidades que necessitam provocar novos entendimentos e impulsiona seu público num mergulho subjetivo de afirmação e ampliação de horizontes.

Palavras-chave: intervenção; representação social; favela; fotografia; jovens.

PERSPECTIVES ON THE FAVELA: AN EXPERIENCE OF INTERVENTION IN MARÉ'S SCHOOL OF POPULAR PHOTOGRAPHERS

Abstract: This report aims to describe a psychosocial intervention with young students of the “Imagens do Povo – Escola de Fotógrafos Populares”, a photographer’s school, situated in the city of Rio de Janeiro, in favela da Maré. Based on the social representations theory, meetings stimulated the discussion about diversity and different views of the favela, encompassing the common sense and the practical life-experience in the favela. The issues of the intervention addressed the debate about the reproduction of hegemonic representations associated with these areas and to how the participants’ experience of photography could produce new images and ideas about this place. The results suggest photography has a broad potential as instrument of social transformation insofar as it can present wide and plural perspectives of the reality.

Keywords: intervention; social representation; favela; photography; youth.

PERSPECTIVAS SOBRE LA FAVELA: UNA EXPERIENCIA DE INTERVENCIÓN EN LA ESCUELA DE FOTÓGRAFOS POPULARES DE MARÉ

Resumen: Este informe describe una experiencia de intervención con jóvenes estudiantes del proyecto “Imagens do Povo – Escola de Fotógrafos Populares”, una escuela

¹ **Endereço para correspondência:** Andrea Rodriguez, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Departamento de Psicologia Social, Instituto de Psicologia, Avenida Pasteur, 250, Praia Vermelha – Rio de Janeiro – RJ – Brasil. CEP: 22290-902. E-mail: andreasrodriguez12@yahoo.com.br.

de fotografia, ubicada en la favela da Maré. A partir de talleres psicosociales organizados para reflexionar sobre la diversidad de formas de percibir la favela utilizamos la teoría de las representaciones sociales, explotando el conocimiento del sentido común asociado con el vivir en estos espacios. Hemos tratado de poner en cuestión los contextos productores de las imágenes comúnmente asociados con estas áreas y cómo la experiencia de los participantes daría lugar a una práctica dedicada a la producción de nuevas imágenes de las favelas. Los resultados sugieren que la fotografía puede y debe ser un instrumento de transformación social que se pone en escena las realidades que deben conducir a nuevos conocimientos buscando la expansión de los horizontes.

Palabras clave: intervención; representación social; favela; fotografía; jóvenes.

Introdução: a favela em foco²

Desde sua formação, as favelas enfrentam processos de estigmatização social decorrentes da associação entre a população residente nesses locais e uma classe perigosa, inserida no grande crescimento das zonas urbanas no Brasil (Valladares, 2005; Santos, 2002). A falta de adequado investimento público gerou historicamente formas de atuação do governo e dos meios de comunicação que fortalecem a imagem de espaço dominado pela miséria e violência, que produz contraditoriamente mais medo das vítimas da pobreza do que das causas desta (Ramos & Paiva, 2007; Santos, 2002). Como acrescenta Fernandes (2009), aqueles que representam o tipo idealizado do criminoso (jovem, sexo masculino, negro e morador de favela) são percebidos como ameaça à ordem social da cidade. Rejeitados socialmente, esses grupos têm suas práticas sociais e padrões estéticos desvalorizados também pelo fato de terem a favela como moradia.

Partindo da conceituação de Moscovici (1988), as representações hegemônicas correspondem a uma visão generalizada com ampla propagação em diferentes grupos sociais, com diferentes graus de adesão, e, no caso das favelas, a associação com a violência acaba por defini-las de modo geral. Tais representações não refletem a diversidade sociocultural desses territórios e dos grupos que os habitam. Dimensiona-se assim um processo que cristaliza determinadas práticas e formas de sentir e pensar a favela, e as posturas de medo e distanciamento daí decorrentes.

Contudo, as favelas são parte da história da cidade do Rio de Janeiro, e a sua presença já é assinalada em escritos de 1865 (Abreu, 1994). É nesse período que se encontra a gênese de um pensamento específico sobre as favelas iniciado com o movimento higienista do início dos novecentos, no qual as favelas foram tomadas como espaços insalubres, foco de grandes epidemias e os maiores responsáveis pelos problemas da cidade, circunscrevendo os problemas a esses espaços e seus moradores, e não a uma crise mais geral (Abreu, 1994; Burgos, 1998; Santos, 2002).

No cenário atual, persistem representações sociais que alimentam gradativamente um medo e incômodo na população que não reside em favelas sobre essas áreas e seus

² Este trabalho fez parte do projeto de extensão entre o Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e instituições da Maré, "Construindo novos olhares com jovens de baixa renda", que, por sua vez, é parte do projeto de pesquisa "O universo do funk proibido no Rio de Janeiro", financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e com bolsa de extensão da UFRJ.

moradores (Arruda, Jamur, Melicio, & Barroso, 2010). Além de lidarem com o preconceito e a discriminação de outros grupos, os favelados costumam ser associados à desordem urbana pelo viés da violência do tráfico de drogas (Rodríguez, 2011), acarretando desdobramentos na produção de subjetividades dentro ou fora da favela e reforçando representações sociais que orientam práticas e as comunicações entre os grupos em sociedade (Moscovici, 1988). A pluralidade da vida contemporânea faz emergir inúmeros contextos, tipos de saberes e formas de ser e estar no mundo que precisam ser negociadas e reatualizadas cotidianamente. Sem a problematização de outros aspectos que abarquem a realidade de vida na favela não se ampliarão as visões sobre a cidade nem se legitimarão as diferentes perspectivas entre os grupos.

Essas questões surgiram no decorrer do projeto “O Universo do Funk Proibido no Rio de Janeiro”, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que colocou para sua coordenação e equipe a necessidade de mergulhar no universo pesquisado, estabelecendo com ele uma via de mão dupla que pusesse em contato e possibilitasse trocas entre grupos dos dois espaços: academia e comunidade. Nesse sentido, a proposta de uma intervenção psicossocial no maior conjunto de favelas do Rio de Janeiro, a Maré, buscou conhecer esse território e seus atores sociais a partir de oficinas psicossociais que buscavam o reconhecimento da diversidade na cidade.

Método

A proposta teve o intuito de diluir fronteiras entre o conhecimento científico e o comum no exercício da interdisciplinaridade pautada na troca de saberes com organizações comunitárias. Modelos inclusivos de encontro entre eu e outro buscam minimizar ou dissolver as hierarquizações entre sistemas de conhecimento. Jovchelovitch (2008, p. 240) conceitua os encontros dialógicos como as situações em que “os interlocutores se esforçam para levarem-se mutuamente em conta e alcançam uma compreensão mútua sobre a posição, perspectiva e a contribuição potencial que cada um pode trazer à situação específica”.

Em 2009, criou-se o módulo de extensão “Construindo novos olhares com jovens de baixa renda”, a partir da aproximação com o Observatório de Favelas (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) no conjunto de favelas da Maré, Rio de Janeiro, que desde 2001 promove pesquisa, consultoria e ações públicas dedicadas à produção do conhecimento e a proposição de políticas sobre as favelas e os fenômenos urbanos.

Em um dos projetos da organização, o curso “Imagens do Povo – Escola de Fotógrafos Populares”, cujo objetivo é formar jovens no ofício da fotografia e contribuir para a circulação de outras imagens sobre favela, foi desenvolvido o módulo “A construção do olhar”. Com base na teoria das representações sociais, o módulo se direcionou para a reflexão prática e crítica com um grupo de moradores dessas comunidades, e futuros fotógrafos, sobre seus cotidianos. Percorreu-se um caminho em que se buscou discutir o olhar sobre as favelas e o sentido dado a essa realidade por meio da fotografia.

O módulo foi incorporado às disciplinas do curso naquele ano, consistindo em seis encontros, com 16 horas de carga horária total, e envolvendo os 30 alunos (jovens de 18 a 25 anos) já inscritos no curso, residentes em diferentes espaços populares da cidade. As oficinas trabalharam a partir da troca coletiva, utilizando recursos variados, como dramatização em grupo, exibição e discussão de filmes etc.

Descrição

No primeiro encontro, foi trabalhada a diversidade de conhecimentos. Solicitou-se aos participantes que descrevessem as formas como obtiveram diferentes conhecimentos na vida prática. Surgiram saberes provindos de espaços de educação formal, como a escola e cursos que fizeram ao longo de suas vidas (aprender “a ler e escrever”, “a fotografia artesanal feita na lata”, “o curso de culinária”, “o curso de inglês” etc.), e de educação informal (“o respeito ao meio ambiente”, “jogar bola” e conhecimentos que aprenderam “pesquisando *por conta*”), além daqueles saberes que resultaram das necessidades imediatas do cotidiano e da experiência (como “utilizar o transporte público”, “perdoar o outro”, “ser mãe”, “pensar sobre a vida”). Ao final discutiu-se sobre a diversidade dos saberes e seus propósitos, bem como o valor específico de cada saber de acordo com o contexto em que ocorre, por exemplo, o conhecimento formal para uma entrevista de emprego e o informal para atividades rotineiras, como cozinhar. Tal reflexão trouxe a reflexão de que o conhecimento, seja científico ou do senso comum, terá um valor conforme a situação que se apresenta e as formas em que se interage com ele. A premissa da não hierarquização dos saberes científico e leigo, sobre a qual se funda a teoria de Moscovici (1978), resgatando o lugar e a função do senso comum, dos saberes práticos, concretos que se pautam pela necessidade de oferecerem respostas rápidas as demandas do cotidiano, foi a base dessa oficina.

No segundo encontro, entendendo a imagem como produto e processo psicossocial, a proposta foi debater a forte capacidade de mobilização social que imagens veiculadas sobre as favelas ou qualquer outro fenômeno social podem ter. Ao serem capazes de condensar uma representação figurando-a, acionam a dimensão afetiva das representações, as atitudes, provocando reações e posicionamentos imediatos (Moscovici, 1978). Expuseram-se fotografias e textos de diferentes jornais sobre questões contemporâneas, como a colocação de muros em torno das favelas cariocas, o uso indevido de verba pública pelos deputados, agressões a usuários de transporte público, os 200 anos da polícia brasileira³. Posteriormente, uma análise conjunta das formas de leitura das imagens contidas nas reportagens ressaltou a necessidade de posicionamentos críticos, tendo em vista que são resultantes de construções específicas por determinados grupos detentores do poder de propagar representações em meios de

³ Durante a oficina descrita foram usadas reportagens de jornais e revistas sobre os temas discutidos com os alunos. Os *links* a seguir explicam os casos abordados na discussão. Sobre a construção de muros nas favelas, ver Observatório de Favelas (2009); sobre as agressões a usuários da Supervia, ver Thomé, Figueiredo e Dantas (2009); e, sobre o bicentenário da polícia militar, ver Boechat (2009).

comunicação de massa. O lugar de quem fala e representa deve ser considerado para entender como essas posições sociais interferem na construção e na afirmação de determinados discursos e práticas, bem como de seus atravessamentos de poder. Nesse exercício, buscou-se fazer uma leitura para além das imagens e do texto utilizado nas reportagens. O grupo concluiu que as visões de mundo são múltiplas e que a sociedade pode ser uma arena de negociação de diferentes olhares, em que o contato com o outro é essencial no ofício do fotógrafo, o que acaba por corroborar as afirmações de Moscovici (1978) e Jodelet (1984) de que o conhecimento cotidiano se forma na e para a comunicação, orientando as práticas da vida diária.

No terceiro encontro, a proposta era trabalhar com imagens a partir do viés da construção promovida pelo sujeito, em contraposição à força das representações discutidas na oficina anterior. Cada participante trouxe e deu um sentido a fotos de sua autoria, revelando uma história atribuída à fotografia e, ao mesmo tempo, seus anseios ao retratar algo. As vivências ligadas às imagens escolhidas expressaram afetos da vida cotidiana de seus produtores que compartilharam em grupo experiências e descobertas em família, com amigos, em projetos pessoais e na vida comunitária, ressaltando a importância da diversidade nas relações construídas e dos contextos, assim como a visão intrincada entre sujeito e objeto, sempre enredada pelos afetos, conforme também propõe Moscovici (1978). Nessa perspectiva, buscou-se reforçar a atividade do sujeito em produzir sentidos que podem circular em diferentes espaços.

Essa oficina em particular mobilizou bastante os participantes que, ao expressarem o motivo da escolha da foto, o sentimento ao vê-la e a relação dela com a sua vivência, revelaram no grupo aspectos de sua vida que de outra forma somente apareceriam após maior tempo de contato e estabelecimento de vínculo de confiança. Uma aluna trouxe a foto de um amigo deitado na cama e explicou sentir paz ao olhar para a imagem. A foto ilustrava algo que ela gostaria de ter, pois morava com muitas pessoas e “não pode ficar em paz sem ninguém para perturbar, sem falar nada”. Outro participante trouxe uma foto de dois idosos participando da festa popular do Cavalo Marinho em Pernambuco. Disse que a escolheu por ter forte identificação com esse Estado e a sua cultura, desejando um dia morar lá. Ressaltou também o estranhamento do pai ao saber desse desejo, por não entender por que ele queria morar “num lugar que não tem nada”. No fim, sublinhou como é diferente a visão de cada um e como os diferentes olhares produzem distintas posturas sobre um mesmo contexto, tanto de afastamento como de proximidade.

No quarto encontro, a meta era pensar a elaboração da representação social a partir do lugar social que se ocupa, desvelando as múltiplas possibilidades representacionais que ganham força na sociedade, como as visões sobre a favela. Para tal, após a exibição de trechos dos filmes *Orfeu negro*, de Marcel Camus, e *Orfeu*, de Cacá Diegues, os participantes comentaram as diferenças e similitudes entre as visões sobre a favela e dramatizaram alguns personagens centrais que identificaram nos trechos. Escolheram como personagens: policiais, traficantes e usuários de drogas, a mídia (personificada nos jornalistas televisivos), e dois tipos de moradores das favelas: os que

lá habitam por necessidade financeira e os que, mesmo tendo condições financeiras, escolhem continuar na favela. Cada grupo, a partir do que imaginaram ser a identidade dos personagens escolhidos, produziu uma encenação de comportamentos e discursos específicos sobre a favela, de acordo com aquela identidade. Seguindo o preceito de que uma representação social carrega a marca de quem a formula, saber quem fala, de que lugar social, cultural, político, histórico (Jodelet, 1984), permite entender que a produção do olhar é atravessada por essas inscrições, diferentes segundo o grupo.

Durante a dramatização, as figuras do traficante e do policial foram problematizadas, fazendo emergir as representações que elas carregam. Empolgado, um jovem que reside em frente a uma boca de fumo pegou uma vassoura e explicou que representava o fuzil do seu personagem, o traficante. Este falava ao celular com vocabulário próprio da facção, dava ordens ao grupo, drogava-se e ordenava que se fechassem as escolas da comunidade. Com grande desenvoltura, o jovem foi o único de seu grupo que concordou em fazer a cena denominada de “conflito, de guerra”. Ele explicou que reproduziu exatamente o que tinha visto no dia anterior – traficantes de uma comunidade dominada por facção rival tentaram invadir a comunidade onde mora e houve troca de tiros entre os grupos rivais, deixando um clima tenso na favela, com as escolas fechadas. Na encenação sobre os policiais, diferentemente do que ocorreu com o personagem do traficante, retratado apenas sob um aspecto, foram produzidos discursos que englobaram mais de uma perspectiva. Numa delas, o policial entrava para a corporação com a intenção de defender a sociedade e acabava corrompido em decorrência das precárias condições de trabalho. Em outra, um policial se declarava apenas defensor da propriedade privada e de sua corporação, sem pensar nas consequências de seus atos para outras pessoas com as quais se relaciona, em especial aquelas de origem popular.

Nesse encontro, o exercício de saída dos universos particulares na busca de entender a lógica de pensamento de outros grupos e o debate que se seguiu evidenciou o desafio de definir a favela em sua complexidade e amplitude. As tentativas utilizaram apenas alguns recortes de parte desse universo, assim como dos personagens escolhidos. O exercício mostrou-se profícuo ao mobilizar os participantes e colocá-los na condição de protagonistas do grupo que comumente veem como “outro”. Quando o participante que iniciou a dramatização como policial exibiu um tom de negatização, os demais no grupo sinalizaram para a existência de uma multiplicidade de formas de ver e definir a figura do policial: “Nem todo policial pensa somente na proteção do Estado e dos grandes proprietários”, lembrou um aluno. A discussão promoveu uma ampliação de olhares sobre diferentes atores sociais e, no caso do personagem do policial, trouxe traços mais humanizados ao entendê-lo como alguém que também tem medo e precisa se defender.

Ao permitir problematizar a aparente homogeneidade e objetividade da realidade e das próprias representações, o grupo pôde, por meio da teatralização, colocar-se no lugar do outro, vivenciando ludicamente outras representações de um mesmo objeto ou fenômeno. Quando o tema abordado são as favelas, é impossível ignorar que o

comércio ilícito de drogas e a ação da polícia fazem parte desse universo, apesar de não serem os únicos, nem o quanto afetam diretamente a vida de seus moradores. O aumento do crime organizado e da violência urbana vem exigindo esforços de vários grupos para lidar com essa dinâmica em diversos territórios. Os debates confirmaram que, nas representações expressas pelos participantes ao trazerem situações vividas na favela, a última comparece a partir de recortes que deram conta apenas parcialmente da complexidade desse universo.

No quinto encontro, foi abordada a dinâmica da alteridade, produzida por processos e práticas de discriminação, exclusão e preconceito em nossa sociedade, a partir do documentário *Funk Rio*, de Sergio Goldenberg. Ele discute como o arrastão de 1992 na praia de Ipanema, no Rio de Janeiro, foi explicado pela mídia, disseminadora de representações circulantes sobre o funkeiro, e como isso resultou na forma de representar um determinado grupo (de pobres, negros, favelados). A representação social assim objetiva a alteridade como dispositivo de autopreservação, concentrando o medo coletivo difuso em figuras-tipo como o louco ou o funkeiro, tornando-as facilmente reconhecíveis.

Após as discussões sobre as diferentes formas de enxergar o funkeiro, um participante mencionou que o encontro com a diferença resulta na construção de figuras-tipo que se expandem para outros contextos. Relatou que seu pai, ao observar uma das exposições da Escola de Fotógrafos sobre retirantes nordestinos, teve uma percepção bastante diferenciada da sua: as fotos para ele retratavam a miséria, não levando em consideração outros olhares possíveis. Outro participante acrescentou uma reportagem de jornal sobre as atividades da Vila Olímpica da Maré: menções ao tiroteio que constantemente acontece na região encobriram o papel que esse importante equipamento de lazer e esporte tem para as comunidades. Ficou evidente que, como fotógrafos, eles produzirão imagens sobre o cotidiano sem ter o controle de como elas irão repercutir em diferentes públicos: “não somos proprietários do produto final”, concluiu uma aluna. Por mais que invistam numa fotografia com a intenção de passar uma mensagem, um olhar, o resultado irá depender de como o outro fará sua leitura.

Por fim, no sexto encontro, a proposta era discutir como a relação entre as trajetórias de vida de cada um, os grupos de pertencimento e os olhares sobre a favela se refletem diretamente na escolha dos temas que desejavam fotografar. Dentre outras técnicas, utilizamos a linha da vida: todos foram convidados a anotar, ao longo de uma mesma linha em um painel, aspectos da sua vida na infância, adolescência, juventude e vida adulta.

Foi feita uma análise geral da linha coletiva, e identificamos as vivências comuns e incomuns ao grupo. Na infância, os elementos comuns identificados foram as brincadeiras, os amigos e as menções ao esporte. Nada de muito negativo foi colocado pelos participantes nessa fase.

Na adolescência, destacaram-se as descobertas relacionadas às experiências afetivas e sexuais. Chamou a atenção do grupo alguém dizer que gostava de estudar e que

essa foi uma época “tranquila”. Segundo eles, geralmente ocorre o contrário: “a adolescência é turbulenta”, cada um quer ter um grupo e fazer coisas para se integrar, para não ser excluído.

A juventude foi avaliada em comparação com as etapas anteriores. Um aluno comentou que, na juventude, começa a aparecer mais a ideia da responsabilidade, mas nem todos concordaram, enfatizando que muitas vezes o jovem não quer se responsabilizar pelos próprios atos. Indagamos sobre uma palavra que condensasse a noção de juventude, e uma aluna respondeu: “consciência”. Outro complementou: “É uma transição dos dois momentos, adolescência e fase adulta, mais trabalho e responsabilidade”.

O objetivo maior da atividade foi mostrar que as trajetórias individuais tinham uma marca social, que as vidas se entrelaçam. O conhecimento é, ao mesmo tempo, particular e partilhado, sendo a história de vida também conectada com a realidade de outros.

Posteriormente, foram marcados os temas que mais os motivavam na fotografia, assim como os valores, posicionamentos de vida ou sentimentos ligados a seus anseios como fotógrafos. Focamos nos elementos envolvidos no processo de construção de suas identidades profissionais, bem como no ato político de transformação social que a fotografia pode ter, ao apresentar representações sociais diferentes das hegemônicas.

Discussão de resultados

Durante as oficinas, foi observado o peso que as representações hegemônicas sobre as favelas têm na interação e comunicação dos grupos. Mesmo reconhecendo que transitamos em universos guiados por elas, Moscovici (1978) enfatiza tanto a necessidade de apreensão dos conhecimentos histórica e socialmente partilhados como a maneira como estes são elaborados e reatualizados cotidianamente pelos sujeitos em sociedade. Nesse sentido, novos olhares sobre as favelas e os grupos que ali residem começam a despontar num movimento que busca ampliar visões de mundo e encontros com a alteridade. A favela passa a ser conhecida em sua diversidade de grupos e práticas.

O entendimento da favela integrada à cidade pressupõe a afirmação de uma urbe efetivamente democrática, que tem como maior característica a dimensão do encontro entre seus diferentes cidadãos. Exige, portanto, o fortalecimento de processos de (re)conhecimento do outro e da percepção das diferentes formas de saber que atravessam a vida cotidiana e tornam a diferença um valor. Nossa prática reconhece que, na relação com as comunidades, instituições e grupos, estão envolvidos diferentes saberes que precisam ser legitimados. Ao trabalhar com a produção do olhar sobre a favela no encontro com jovens moradores, alunos de um curso de fotografia, buscou-se dar ênfase ao processo de ampliação de visões sobre os espaços populares a partir de quem reside neles, tendo como principal aliado o uso da fotografia. Entrar em contato com indícios de representações sociais desses jovens sobre seus territórios de origem, bem como de nós, profissionais envolvidos, permitiu compreender a complexidade que a definição de favela exige e as suas possibilidades de reconstrução imagética a partir das produções desses fotógrafos.

Durante o módulo, foi marcante o desejo dos participantes de serem vistos e reconhecidos por suas potencialidades e habilidades, e não somente como problema a ser solucionado, ou ócio a ser preenchido. Os temas geradores em cada oficina descortinaram um mundo de formas de pensar e agir diante de realidades comuns e incomuns ao grupo. Os discursos produzidos, contestados ou fortalecidos, representaram uma oportunidade de identificar e entender os múltiplos processos psicossociais envolvidos na construção de olhares sobre a favela e seus moradores.

Nesse exercício coletivo, emergiram, por vezes, elaborações polarizadas entre o “olhar da favela” e o “olhar do asfalto”. O embate entre as visões dos participantes e as que acreditavam que outros grupos tinham sobre eles revelou uma contradição. Ao mesmo tempo que os oriundos da favela entendem que seus territórios precisam ser reconhecidos como parte da cidade, a visão sobre a própria cidade parece restrita. A experiência de vida e o lugar que ocupam focam prioritariamente na favela e derivam numa resistência ao olhar sobre outros grupos e interações. Esse aspecto tornou-se evidente nas tentativas de demarcar o valor de quem é da favela em detrimento de quem não é, deixando escapar preconceitos semelhantes àqueles que acreditam sofrer numa espécie de tentativa de autoproteção, num movimento que ataca antes de ser atacado.

A insistência em enxergar a sociedade a partir da estratificação e do distanciamento entre os grupos que a compõem, representados exclusivamente numa espécie de duelo entre a “burguesia” e as “classes populares”, continua dividindo as salas de aula. Visões polarizadas sobre quem é da favela e quem é de fora emergem constantemente, bem como o sentido que é dado aos polos opostos que caracterizariam o bem *versus* o mal, o rico *versus* o pobre, as vítimas *versus* os algozes. Para alguns participantes, torna-se, em determinados contextos, estratégico marcar a diferença: “sou da favela!”, e, em outros, pelo contrário, opta-se por escondê-la (quando preenchem fichas de emprego, por exemplo). Tal posicionamento pode significar uma defesa e ainda um meio de se fortalecerem diante dos estigmas territoriais que os atingem.

No entanto, foi evidente que, por meio das oficinas, efetivou-se um espaço de encontro, de descobertas, de exercício da reflexão sobre as diferenças e o convívio entre cidadãos de uma mesma cidade. Os diversos saberes em jogo foram pautados, e tanto os facilitadores como os participantes das oficinas foram envolvidos num movimento contínuo de troca e constante reelaboração. A construção de novos saberes se deu numa via de mão dupla, tanto o grupo de fotógrafos em formação refletiu sobre seu olhar a partir da nossa intervenção, como nós fomos provocados nessa experiência, e o nosso próprio olhar sobre o grupo e o espaço que ocupam foi problematizado.

Na experiência do módulo, a fotografia apareceu como ferramenta do olhar transformador, na contramão da perpetuação das desigualdades arraigadas nas representações hegemônicas. Iniciativas como a da Escola de Fotógrafos Populares, que busquem a produção de novos olhares sobre as favelas e os grupos que ali residem, facilitam o emergir de outras visões de mundo e encontros com a alteridade, na medida em que não visam apenas ensinar técnicas de fotografia, mas buscam promover reflexões

sobre a força das representações e nossa capacidade/responsabilidade em buscar promover mudanças nesse quadro. A representação hegemônica de que os jovens moradores das favelas somente vivem uma realidade caracterizada pela violência é simplista e borra a complexidade de suas vivências. No entanto, a violência dos grupos armados ilegais e da polícia foi tema recorrente nas falas de muitos participantes ao longo do módulo, num claro sinal de que essa realidade é partilhada, bem como as diversas estratégias para lidar com a situação. O contexto da comunidade onde nos encontrávamos possui práticas e códigos específicos, que escapam, muitas vezes, aos muros da universidade, mas foi estabelecido com os participantes um espaço de interlocução composta de trocas e afetos. A favela aparece em sua diversidade de grupos, práticas e em suas contradições. A fotografia, ao trazer à cena realidades que despertam estranheza, estimula novos entendimentos e práticas. O trabalho do fotógrafo de origem popular pode captar imagens de variados contextos e impulsionar seu público num mergulho de afirmação ou modificação de horizontes, fazendo circular representações sociais que se contrapõem à hegemônica (Moscovici, 1988).

Como psicólogos, devemos pensar sobre nosso lugar no encontro com o “outro”, como profissionais e cidadãos vivendo numa mesma cidade. Devemos trabalhar no sentido de potencializar o alcance de nossa profissão e ampliar a visão política do papel da psicologia, ao contribuir para diminuir as distâncias e os preconceitos entre os grupos na cidade. A complexidade da construção de uma perspectiva realmente integradora dos moradores pede uma prática concreta de reafirmação do projeto de cidade para todos, não a cidade partida, dividida entre a “favela” e o “asfalto” (Zamora, 2004).

A teoria das representações sociais comparece como uma lente que pode ajudar a analisar o processo em curso e a pensar em caminhos para lidar com essas questões. As representações não estão quietas, paralisadas, nem servem obrigatoriamente para referendar visões estabelecidas pelas relações de poder. Ao compreendê-las na dinâmica do contemporâneo, e lançadas no campo da conversação e produção de controvérsias, seu movimento é permanente e deve ser estimulado. Embora essa não seja uma tarefa fácil, a teoria, em sua proposição antidicotômica, pode servir como pano de fundo para a proposição de ações no sentido da construção simbólica da cidade como um espaço de ampla e real convivência, em que favela e cidade se integrem, reconhecendo ambas como espaços sociais, arenas de conflitos, de distintos poderes e de negociação de processos que alimentam e configuram a subjetividade de seus habitantes.

Referências

- Abreu, M. (1994). Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro. *Espaços & Debates*, 14(37), 34-46.
- Arruda, A., Jamur, M., Melício, T. B. L., & Barroso, F. M. (2010). De pivete a funkeiro: genealogia de uma alteridade. *Cadernos de Pesquisa*, 40(140), 407-425.

- Boechat, L. (2009). Policiais e leitores falam sobre os 200 anos da PM do Rio. Recuperado em 31 maio, 2013, de <http://extra.globo.com/casos-de-policial/radio-patrolha/policiais-leitores-falam-sobre-os-200-anos-da-pm-do-rio-401365.html>.
- Burgos, M. B. (1998). Dos parques proletários ao Favela-Bairro. In A. Zaluar, & M. Alvito (Org.). *Um século de favela* (pp. 25-60). Rio de Janeiro: FGV.
- Fernandes, F. L. (2009). *Violência, medo e estigma. Efeitos sócio-espaciais da "atualização" do "mito da marginalidade" no Rio de Janeiro*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Jodelet, D. (1984). Représentation sociale: phénomènes, concept et theorie. In: S. Moscovici (Org.). *Psychologie sociale*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Jovchelovitch, S. (2008). *Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura*. Petrópolis: Vozes.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, 18, 211-250.
- Observatório de Favelas. (2009). Muros nas favelas. Recuperado em 31 maio, 2013, de http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatoriodefavelas/noticias/mostraNoticia.php?id_content=517.
- Ramos, S., & Paiva, A. (2007). *Mídia e violência*. Rio de Janeiro: Luperj.
- Rodriguez, A. (2011). *Labirintos do tráfico: vidas, práticas e intervenções. Em busca de saídas possíveis*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Santos, M. (2002). *O país distorcido*. São Paulo: Publifolha.
- Thomé, C., Figueiredo, T., & Dantas, P. (2009). Supervia demite agente por "chicotadas". Recuperado em 31 maio, 2013, de <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,supervia-demite-agentes-por-chicotadas,355589,0.htm>.
- Valladares, L. (2005). *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: FGV.
- Zamora, M. H. (2004). Raízes e asas da psicologia comunitária. In J. Vilhena (Org.). *A clínica na universidade. Teoria e prática*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, Loyolla.

Submissão: 10.05.2012

Aceitação: 06.09.2013